

100% ÚTIL Men's Health

MANTENHA-SE EM FORMA!



ASSINE A MEN'S HEALTH
PAPEL+DIGITAL
APENAS ~~43,20€~~
29,90 € / 12 EDIÇÕES

LIGUE 219249999



A ASSINATURA INCLUI A VERSÃO IMPRESSA E A VERSÃO DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUIDO. CAMPANHA VÁLIDA PARA PORTUGAL ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 2025, NÃO ACUMULÁVEL COM OUTRAS EM VIGOR. VALOR DA ASSINATURA E NÃO REEMBOLSÁVEL. PARA MAIS INFORMAÇÕES: ASSINATURAS.QUIOSQUEM.PT | APOIOCLIENTE@NOTICIASDIRECT.PT | 219249999 (DIAS ÚTEIS DAS 8H00 ÀS 18H00 - CHAMADA PARA A REDE FIXA NACIONAL).



menshealthportugal



@menshealthportugal

menshealth.pt



Opinião
Sofia Santos

Nova geopolítica: o Potencial dos PALOP e o Clima

Atualmente os poderes geoestratégicos reorganizam-se. Os EUA fecham-se sobre si mesmos, aumentam as tarifas à entrada das importações, deixando de contribuir para o desenvolvimento e cooperação internacional com o “quase” fecho da USAID, saída do Acordo de Paris entre outros. O Reino Unido, com um Governo Trabalhista, reaproxima-se da Europa, tendo reforçado também nos últimos dois anos os seus investimentos na cooperação internacional, nomeadamente em África em áreas como a saúde, educação e alterações climáticas. A China, e independentemente de alguma tensão ao nível das patentes, mantém também um envolvimento significativo de cooperação com a Europa em áreas como comércio, tecnologia, alterações climáticas e proteção ambiental, entre outras. Além do mais, a China tem também aumentado o seu investimento em África, em países como Nigéria, Quênia, África do Sul, Angola, Moçambique, entre outros.

É também importante recordar que o ex-Presidente dos EUA Joe Biden, nas suas últimas atividade antes de passar a pasta ao Presidente Republicano, realizou em Dezembro de 2024 a primeira visita de um Presidente Americano a Angola. Esta visita pretendeu reforçar as relações entre os países em várias áreas, uma delas relativa aos temas das alterações climáticas e ao fortalecimento do apoio a Angola para a sua transição energética. Tendo em conta que Joe Biden sabia das intenções de Trump, conhecidas de todos, em limitar os apoios ao desenvolvimento, esta visita talvez tenha tido um simbolis-

mo mais significativo do que o relatado. Talvez...

O continente africano tem um imenso potencial. A maioria da população é jovem e com afeição por educação e por aumentar o seu conhecimento; os jovens já com educação são resilientes e pró-ativos. A economia assenta em recursos essenciais ao século XXI, como a agricultura, minerais, floresta, biodiversidade e os recursos energéticos fósseis e renováveis. Um continente com os recursos essenciais que o mundo necessita: pessoas jovens, terra e recursos endógenos que, em conjunto, podem produzir um valor acrescentado relevante para a economia mundial.

Assim, questiono, mais uma

vez, porque não existe ainda uma estratégia de cooperação internacional de Portugal aos PALOP que esteja alinhada com o desenvolvimento económico dos países Africanos, assente na promoção de uma economia verde e resiliente aos impactes das alterações climáticas, onde as inovações desenvolvidas em Portugal possam ser testadas e adaptadas para tornar aqueles países mais produtivos e socialmente mais inclusivos. Inovações como a mobilidade elétrica, painéis solares de auto-consumo, gestão florestal sustentável, drones e sua utilização na medição do sequestro de carbono e assim impulsionar os mercados de carbono socialmente inclusivos, cimento para ecológico, materiais de construção resilientes, etc.

Se Portugal tivesse uma estratégia desta natureza, iria conseguir alavancar muito mais dinheiro e mais parcerias tecnológicas, junto de investidores internacionais, privados e públicos (Bilaterais e Multilaterais). Portugal poderia ficar na linha da frente como sendo aquele país que regenera a sua dinâmica de ligação com as ex-colónias, apostando nas áreas que os países querem dinamizar e que constituem vantagens competitivas para todos.

Uma aposta na transição energética e nas alterações climáticas como aspeto central à cooperação Portuguesa, iria conseguir atrair os investidores e os outros países que, ao contrário dos EUA, querem continuar a investir na cooperação e na cooperação ligada às alterações climáticas e tecnologias de ponta. Em alturas de caos, há que pensar mais longe...

“
Questiono, mais uma vez, porque não existe ainda uma estratégia de cooperação internacional de Portugal aos PALOP (...).”

PhD, CEO da Systemic